

Considerações finais

O desafio inicial desta pesquisa pautava-se em investigar como na atual conjuntura seria possível o surgimento de articulações em torno de movimentos, que buscassem desenvolver processos de autonomia frente às propostas e projetos e/ou mesmo a ausência dos mesmos por parte do poder público. Representava uma identificação de movimentos sociais que fossem marcados por mecanismos de resistência, articulação e construção de novos arranjos, numa perspectiva de transformação do espaço, tendo em vista a construção de sustentabilidades que permitissem o desenvolvimento de utopias como o direito à cidade e a verdadeira democracia.

O Fórum Social de Manguinhos, que era inicialmente um dos pontos principais da pesquisa, nos ventilava essa possibilidade. Entretanto, no decorrer do trabalho identificamos alguns limites para essa finalidade e identificamos, também, outros atores que em Manguinhos se apresentavam como fundamentais no processo de produção do espaço.

Alteramos nosso foco, sobretudo por entender que na produção social do espaço não há neutralidades, visto que está constituído de intencionalidades que estão presentes nas relações sociais. Durante a elaboração, implementação e conclusão do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC – em Manguinhos, observamos consensos e/ou conflitos estabelecidos entre o poder público, os moradores e suas representatividades, que estavam explícitos nas disputas de poder que se constituíram durante o processo de implementação do PAC.

Ressaltamos a condição de Manguinhos enquanto um espaço favelizado, pois os estigmas “ainda insistem em nos rodear”. A história de formação, evolução e expansão de Manguinhos não poderia estar desassociada da cidade, muito menos do desenvolvimento geográfico do capitalismo, que é sempre desigual. Cento e doze anos de uma trajetória marcada por intensos conflitos, extrema pobreza e injustiça social, que a partir do ano de 2008, com o PAC, foi-se acenando como a possibilidade de refazer essa história.

Indicativos eram de que haveria uma aceleração no crescimento e no desenvolvimento de Manguinhos, assim como de outras favelas que receberiam os investimentos do PAC. O volume de investimentos aplicados com o PAC, poderíamos dizer que foi histórico, pois nunca na constituição das favelas se investiu tantos recursos com a articulação dos entes federativos e a promoção de obras tão intensas, como a construção do teleférico no Complexo do Alemão e a elevação da via férrea em Manguinhos.

A maneira como as prioridades para execução do programa foram apresentadas nos levam a perceber que participação, democracia e autonomia não compõem efetivamente o leque de opções do projeto. Crescimento, desenvolvimento e sustentabilidade aparecem muito mais como chamariz para produção de visibilidades associadas a uma conjuntura política-eleitoreira; para a necessidade de se estabelecer diálogos com entidades internacionais a fins de obtenção de verbas para elaboração de projetos sociais; e para a manutenção de um discurso democratizante.

A efetiva transformação do espaço estaria distante de se alcançada, pois a ação do poder público ainda se encontra protegida contra o movimento social e os sujeitos sociais que seriam capazes de alterar a correlação de forças na perspectiva de transformação do espaço urbano. O espaço deve ser pensado a partir de (e sob) variadas dimensões, pois as atividades humanas e o espaço estão conectados, sendo impossível pensa-lo sem levar em consideração aqueles que o vivenciam.

A execução do programa desconsiderou a complexidade dos processos sociais e a heterogeneidade do espaço. Na relação entre as representações do espaço, com intervenção do PAC, e os espaços de representações, onde se manifestam a participação e o cotidiano dos sujeitos sociais em Manguinhos, percebemos as intencionalidades que envolvem uma intensa rede de relações construídas no intuito de obtenção de possíveis favorecimentos e projeções, e não efetivamente no crescimento e desenvolvimento local. Desse modo, apontamos muito mais insustentabilidades que a sustentabilidade tão anunciada.

Diante da afirmação de que o espaço social é produto-produtor, presente em todos os níveis – nas forças produtivas, nas relações de trabalho, nas relações

de propriedade e no cotidiano –, concordamos com a construção de Pogrebinski (2009, p. 233) acerca da “verdadeira democracia”, pois isso pressupõe uma redefinição do que contemporaneamente entendemos como participação e ação política.

O PAC Favelas deveria estar para além da urbanização. O incentivo à participação, muito presente tanto nos discursos dos representantes do PAC como nas articulações dos que se consideravam movimentos sociais em Manguinhos, pouco se materializou no cotidiano dos moradores, que por muitas vezes somente observavam as alterações anunciadas com a intervenção.

No decorrer da pesquisa assistimos a uma fragmentação do que se considera o Complexo de Manguinhos, comparando com o que Souza (2006, p. 21) chamou de uma diminuição do papel do bairro enquanto “lôcus da discussão política livre e da possibilidade de uma vida pública e criativa e que carrega os germes da emancipação, tornando esses espaços semelhantes a uma prisão”. São as amarras que estão definidas pelas ocultas relações de poder que se impõem sobre o espaço, muitas vezes através do uso da força e das armas.

O Fórum de Manguinhos e a Comissão da Vila Turismo, muito embora não expressassem movimentos sociais na sua totalidade, se constituíram num diferencial, mesmo sem alterar a lógica instituída com o PAC. Foram impulsionadores de vários questionamentos, se constituindo em locais de encontros para os moradores e canais de articulações acerca de possíveis resistências ao que vinha sendo proposto para Manguinhos.

As transformações no espaço produzidas com o PAC não permitiram alterações, que seriam importantes na dinâmica de transformação da paisagem de Manguinhos, apresentando ainda inúmeros problemas ambientais e, que inclusive estavam no escopo principal do programa como solucionáveis.

Os recursos que foram destinados para Manguinhos, tanto do PAC como dos inúmeros projetos sociais que foram implementados no decorrer dessa pesquisa, são de chamar a atenção. Apresentando sempre discursos em torno do desenvolvimento local, da sustentabilidade, do crescimento, da transformação

social e, sobretudo da saúde ambiental, esses projetos ressaltam repetitivamente a problemática que se estende por muitos anos em Manguinhos, e que deveriam ser tratados em outras dimensões, com conjunto da cidade, do país.

Sem essa perspectiva multidimensional, Manguinhos, continuará, assim como tantos outros, servindo para a manutenção de discursos, justificativas em torno de suas vulnerabilidades para elaborações de projetos que não constituirão numa efetiva alteração da lógica desigual de produção do espaço.

As (in) sustentabilidades revelam os limites e ao mesmo tempo as possibilidades constituídas na própria lógica de produção social do espaço. Possibilidades e limites, limites e possibilidades funcionam como pares dialógicos, constituindo assim uma correlação de forças. São indissociáveis.